



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Aparecida de Matos, Auxiliadôra; Lopes, Maria de Fátima
Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher
Revista Estudos Feministas, vol. 16, núm. 1, enero-abril, 2008, pp. 61-76
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114359005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Auxiliadôra Aparecida de Matos
Faculdade Santa Rita, Conselheiro Lafaiete, MG

Maria de Fátima Lopes
Universidade Federal de Viçosa, MG

Corpo e gênero: uma análise da revista *TRIP Para Mulher*

Resumo: *Este trabalho analisa as representações sociais do corpo mediadas pela revista TRIP Para Mulher (TPM), levando em conta as teorizações sobre o corpo e gênero sistematicamente elaboradas pelos feminismos existentes. Parte-se do pressuposto de que se cristalizam no corpo as crenças, as representações e os significados do que é ser homem ou mulher em determinada sociedade e momento; dessa forma, pode-se inferir quais são as representações de gênero mediadas e inscritas no corpo.*

Palavras-chave: *corpo; gênero; representações sociais.*

Copyright © 2007 by Revista
Estudos Feministas.

Introdução

Este trabalho pretende analisar as representações sociais do corpo presentes na revista *TRIP Para Mulher (TPM)*. A questão norteadora pode ser explicitada nos seguintes termos: como uma revista feminina que se assume como diferente do que existe no mercado das revistas femininas representa o corpo? Essa questão sustenta-se na premissa de que a indústria cultural funciona como difusora dos conteúdos circulantes na sociedade, constituindo-se em um espaço pedagógico. Grande parte dos artefatos educativos está inserida na área cultural, como, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos. A importância desses artefatos está na sua função de 'con/ formar' os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Assim, esses artefatos contêm pedagogias culturais, pois são formas de ensinar através das quais significados sociais são construídos e reproduzidos.¹

Dessa forma, ao entender como a revista *TPM* representa o corpo, pode-se refletir sobre os conhecimentos

¹ Ruth SABAT, 2003.

produzidos acerca do corpo e seus significados. Além disso, é possível inferir quais as mudanças e quais as permanências ocorridas em relação às representações de gênero. Essas inferências podem ser realizadas considerando-se que o corpo tipifica os gestos, as formas estéticas e os comportamentos caracterizados como femininos e masculinos. Cristalizam-se no corpo as crenças, as representações e os significados do que é ser homem ou mulher em determinada sociedade, em determinado momento.

Acredita-se que a mídia e as revistas femininas, especificamente, compõem um *locus* especial de análise da ação do discurso e das imagens, modelando corpos e assujeitando-os a uma certa representação do feminino e do masculino. É esse caráter pedagógico que torna as revistas femininas um excelente espaço para a formação de um 'como é/deve ser a mulher' e, por extensão, o homem para o qual ela se educa, se fabrica.

O que aqui se pretende argumentar é que, além de papéis sociais definidos conforme atributos eleitos como feminino e masculino, as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas igualmente moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas em nossa sociedade. Essas práticas variam amplamente, de dietas a plásticas, de saúde à obsessão por um modelo de beleza, de como ser feliz se possuir um corpo igual aos que transitam na mídia. Nesse sentido, o corpo encarna as concepções que orientam determinada sociedade, modificando-se de acordo com as transformações que ocorrem.

Cabe ressaltar que essas representações não são apenas veiculadas pela revista, mas também são nela produzidas através dos diferentes saberes que circulam nos textos e imagens que falam de diferentes práticas sociais, como, por exemplo, as de embelezamento, condicionamento físico e saúde. Essas práticas produzem efeitos e instituem verdades, excluindo e incluindo, em diferentes locais sociais, corpos, sujeitos e grupos.

A relevância deste estudo situa-se na compreensão de que as representações sociais, ao se referirem aos saberes elaborados socialmente pelos sujeitos, direcionam a atuação destes na sociedade. Isso porque é a partir desse conhecimento que os indivíduos vão situar-se em diferentes contextos. Nesse sentido, a partir da análise das representações do corpo presentes na revista *TPM*, é possível entender como a revista representa a diversidade de masculinos e femininos existentes em nossa sociedade e como essas concepções orientam e posicionam os sujeitos em suas interações sociais. Essas representações, porque construídas

socialmente, contribuem para constituir identidades, reproduzindo significados e produzindo outros tantos.

Corpo e gênero

Através dos questionamentos dos processos que constroem e transformam os corpos femininos e masculinos suscitados pelos diversos feminismos, a categoria “corpo” é entendida e assumida em sua realidade histórica, considerando que a própria biologização dos mesmos é também um fato cultural.

O conceito de “gênero” adotado pelos feminismos colaborou nessa tarefa de desnaturalização do corpo, fornecendo elementos para a reflexão feminista a partir da diferenciação inicial entre “sexo” e “gênero”. Salientando a distinção entre esses termos, “gênero” era, então, utilizado para referir-se ao que é socialmente construído em oposição a “sexo”, que representava o que é biologicamente dado. Dessa forma, pensava-se o corpo como uma materialidade evidente e natural, permanecendo o termo “sexo” na teoria feminista “como aquilo que fica fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino/feminino”.²

Entretanto, no decorrer das reflexões feministas vários trabalhos vêm atestar que é o gênero que cria o sexo, demonstrando que o corpo é investido de tal forma em sua materialidade pelos contextos em que se encontra que o sexo é também uma construção cultural. Nessa perspectiva, o gênero refere-se a qualquer construção social que implique a distinção masculino/feminino, incluindo, assim, as construções que separam corpos ‘femininos’ de corpos ‘masculinos’. Portanto, compreende-se que “a sociedade não forma só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece”.³

Passamos a uma outra dimensão de análise quando, em lugar de considerar a diferença sexual, observamos a ‘diferenciação social dos sexos’, a construção social desta diferença, os mecanismos, as estratégias, o desvelamento, enfim, das representações que a fundam. A análise compreende, desta maneira, não somente a construção social dos gêneros, mas igualmente a instituição cultural do sexo biológico e da sexualidade como base do humano, como a diferença fundadora dos seres.⁴

Um dos trabalhos que demonstram a instituição cultural da diferença entre os sexos é o livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*,⁵ que analisa os discursos sobre o corpo, a fisiologia reprodutiva e as relações entre os sexos. Ele demonstra como as diferentes formas de pensar as distinções sexuais só podem ser entendidas como

² Linda NICHOLSON, 2000, p. 10.

³ NICHOLSON, 2000, p. 9.

⁴ Tania SWAIN, 2000, p. 61-62.

⁵ Thomas LAQUEUR, 2001.

produções discursivas explicáveis dentro de um contexto que envolve lutas e conflitos em que estão em jogo gênero e poder.

É através da mudança de um modelo de sexo-único presente antes do século XVIII no pensamento filosófico e médico da Europa para o modelo de dois-sexos que começou a surgir durante o século XVIII que o autor demonstra essa construção das diferenças. Assim, antes do referido século, homens e mulheres eram classificados segundo seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, que variava em uma escala de gradações cujo princípio organizador era masculino, implicando um corpo feminino considerado como uma versão inferior do corpo masculino.

Essa concepção pode ser ilustrada através do discurso médico da época, que postulava que os órgãos reprodutores participavam de uma mesma natureza: os ovários eram testículos internos; a vagina, um pênis invertido, inseridos em uma 'economia corporal genérica de fluidos e órgãos' que é representativa da existência de um único sexo, com dois gêneros assimétricos, porém não opostos.⁶

O crescimento da metafísica materialista implicou mudanças nas características físicas e em seu papel, ou seja, basicamente, essa metafísica transformou o sentido das características físicas, que de sinal ou marca da distinção masculino/feminino passaram a ser sua causa, aquilo que lhe dá origem, modificando radicalmente a interpretação dos corpos masculino e feminino, que agora assumem uma diferenciação incommensurável.⁷ Ilustrando a 'invenção' de dois sexos distintos, o discurso médico expressa essa criação a partir da distinção na nomeação dos órgãos.

Nesse momento, o corpo da mulher tornou-se o campo de batalha para redefinir a relação social fundamental entre homem e mulher, expresso, sobretudo, na sexualidade feminina, pois é ela que está sempre em constituição, consistindo na categoria vazia, que é definida a partir de uma diferenciação sexual cuja norma tem sido masculina.⁸

É nessa perspectiva, então, que algumas teóricas feministas, especialmente Judith Butler, discutem atualmente a criação do sexo pelo gênero bem como a criação do corpo pelo sentido e pelo papel social atribuído às mulheres, definidas enquanto tal.

A autora enfatiza que o gênero não deve ser concebido meramente como uma inscrição cultural de sentido num sexo preexistente. O gênero deve também designar o aparato de produção pelo qual os sexos são eles mesmos estabelecidos. Como resultado, o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; o gênero é igualmente um significado discursivo/cultural pelo qual a 'natureza sexuada' ou o 'sexo natural' é produzido e estabelecido

⁶ LAQUEUR, 2001.

⁷ NICHOLSON, 2000.

⁸ LAQUEUR, 2001.

⁹ BUTLER, 2001.

como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra na qual a cultura age.⁹

¹⁰ SWAIN, 2000.

Nesse sentido, então, a imagem e os sentidos atribuídos aos corpos não são intrínsecos à materialidade dos corpos, como se fossem superfícies sobre as quais se depositariam os valores e as concepções de gênero. Ao contrário, pode-se dizer que se constituem em uma invenção social que sublinha um dado biológico cuja importância culturalmente variável torna-se um destino natural e indispensável para a definição do feminino. Essa abordagem se articula sobre a importância social considerando que a materialidade do corpo existe, porém a 'diferença entre os sexos' é uma atribuição de sentido dada aos corpos.¹⁰ É, então, dentro dessa construção de sentidos que se fundamenta a análise das representações sociais do corpo.

A revista *TPM*

¹¹ Dados obtidos através de entrevista em maio de 2002.

Para entender a *TPM* acredita-se ser necessário falar primeiro do grupo TRIP, do qual ela é uma das publicações. A TRIP Editora está no mercado há 15 anos e tem duas grandes divisões. Uma delas consiste nos trabalhos de consultoria de comunicação para empresas e marcas clientes. Entre as companhias atendidas estão: Daslu, Rede Globo, Mitsubishi Motors do Brasil, Gol Linhas Aéreas, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. A outra divisão, segundo a TRIP, é a "responsável pela difusão da marca TRIP como principal autoridade brasileira em comportamento".¹¹ É nessa área que vêm sendo realizados os maiores investimentos, inclusive, em comunicação. Dela fazem parte a revista *TRIP*, lançada em 1986 (de acordo com o Grupo TRIP, ela é direcionada ao público formador de opinião do Brasil), a Divisão TRIP.WEB, a Rádio TRIP e a revista *TPM*.

A primeira edição da revista *TPM* foi lançada em maio de 2001, com uma tiragem de 80 mil exemplares. A revista *TPM*, assim como a revista *TRIP*, traz a opção de escolha entre duas capas diferentes. Os dois modelos fotografados na capa participam de entrevistas, sendo um geralmente entrevistado na seção Páginas Vermelhas, e junto à outra capa vem um ensaio fotográfico. A estrutura da revista pode ser sintetizada da seguinte forma:

– Páginas Vermelhas (na revista *TRIP* são chamadas de Páginas Negras), onde se realiza uma reportagem geralmente com um dos personagens das duas capas da revista;

– Ensaio, que se refere ao ensaio sensual da revista, sempre com o modelo masculino que aparece em uma das capas (que na versão masculina chama-se TRIP GIRL);

– Reportagens, sendo pelo menos uma delas sobre esportes praticados por mulheres. A revista *TRIP* também explora essa modalidade de reportagens, privilegiando a atuação masculina;

¹² Revista *TPM*, maio 2001.

– Editorial de Moda, que na primeira edição¹² trouxe um editorial de ‘*modess*’, no qual as modelos são fotografadas simulando cólicas e com absorventes em evidência, com um texto que discute os prós e os contras da menstruação. Outro editorial que se destaca é o Moda-reportagem,¹³ intitulado “Eu, tu, eles”. Contém depoimentos de jovens que relatam experiências sexuais em grupo. As imagens apresentadas acompanham os relatos, mostrando troca de casais e sexo a três;

¹³ Revista *TPM*, jun. 2002.

– Sempre na *TPM*, que é uma forma de personalizar as dicas de filmes, decoração, livros etc. Em oito páginas, as editoras convidadas personalizam uma seção onde se misturam locais freqüentados, receitas culinárias, CDs, filmes e livros preferidos, tudo acompanhado de comentários e sugestões das ‘convidadas’;

– Colunas, em número de três: *Casa da Chris*, que aborda temas relacionados à decoração; *Um Pensamento*, que se refere a reflexões pessoais de Mara Gabrilli sobre assuntos diversos ligados ao cotidiano da colunista; e a *Coluna do Meio*, assinada por Milly Lacombe.

¹⁴ Revista *TPM*, out. 2001.

A *Coluna do Meio* aparece a partir da quinta edição,¹⁴ tratando de um tema bem específico: a homossexualidade, particularmente a feminina, ilustrado na maioria das vezes pelo relacionamento da colunista e sua parceira. Abordando temas como a não-publicização da orientação sexual como um dos fatores que perpetuam a intolerância e o preconceito,¹⁵ a resistência familiar em relação aos filhos gays¹⁶ e o direito à maternidade de um casal homossexual,¹⁷ essa coluna demonstrava indícios de um espaço onde a reflexão sobre a heterossexualidade compulsória e os tabus e preconceitos que envolvem a homossexualidade, sobretudo a feminina, seria fecunda.

¹⁵ “Mentir é mais aceitável do que ser homossexual?”. Revista *TPM*, n. 6, nov. 2001.

¹⁶ “Preste atenção: eu sou gay”. Revista *TPM*, n. 7, dez. 2001.

¹⁷ “Mãe, a gente só tem duas”. Revista *TPM*, n. 8, fev. 2002.

¹⁸ Dados obtidos através de entrevista em maio de 2002.

Entretanto, o caráter da coluna é modificado, sob o argumento do diretor de redação – Fred Melo Paiva¹⁸ – de que não era interessante para a *TPM* ‘fechar’ suas possibilidades, restringindo a coluna a um tema específico. Dessa forma, o que poderia concretizar-se como um espaço de reflexão de um tema sempre velado é abortado, sendo essa invisibilidade uma modalidade de preconceito tão expressivo que o ‘silêncio’ sobre o assunto pretende significar a sua ausência. Acredita-se que esse tipo de discussão – principalmente em uma revista feminina – poderia contribuir para a reflexão, inclusive, da ausência desses espaços em publicações do gênero, permitindo uma maior visibilidade através das questões abordadas.

Observou-se que, apesar da aparente organização indicada no índice, a revista caracteriza-se por uma pulverização de matérias, curiosidades e novas 'seções', o que dificulta a apresentação e definição da mesma. Essa mistura encontra-se também na diagramação, nas ilustrações, nas cores, nos tipos de letras, nas fotos, indicando movimento. Entretanto, pode-se destacar uma característica observada na análise dessas edições: a centralidade das imagens na revista *TPM*.

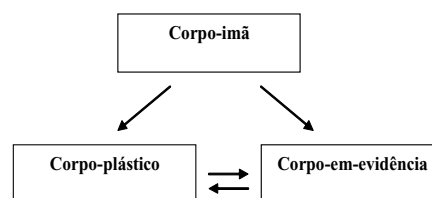
Representações sociais do corpo

¹⁹ Laurence BARDIN, 1977.

A análise de conteúdo¹⁹ – composta por um agrupamento denominado "Corpo" – constituiu-se em diversas imagens e matérias que se referiam explicitamente ao corpo, decorrente das 12 edições iniciais da revista *TPM* (publicadas em 2001 e 2002). Para sintetizar a análise realizada, optou-se pela construção de categorias explicativas: "corpo-imã", "corpo-plástico" e "corpo-em-evidência", que sinalizam as representações sociais identificadas na revista.

A categoria "corpo-imã" pretende expressar a complexidade e ambiguidade de um corpo que é moldado para atrair o outro, para inspirar admiração e aceitação dos seus pares. Conforme ilustra a Figura 1, essa categoria comporta duas outras – "corpo-plástico" e "corpo-em-evidência" – que, articuladas, demonstram o discurso expresso pela revista *TPM* enquanto um local privilegiado na disseminação de representações sociais sobre o corpo.

FIGURA 1 – CATEGORIAS EXPLICATIVAS



Corpo-Imã

Essa categoria foi construída com o objetivo de representar a importância do outro na construção do corpo. Observou-se que a presença predominante de corpos magros, esbeltos e belos é intercalada com algumas imagens 'distoantes' na revista *TPM*. Porém, a ironia destinada à apresentação destas acaba reforçando o ideal de beleza presente na revista. Por exemplo, os quadros chamados "Antes" e "Depois" relatam histórias de dietas 'exóticas' para emagrecer. Os títulos e as expressões facial e corporal das pessoas fotografadas reafirmam a ironia presente, como no relato da história de uma mulher "[...] fanática por celulites. Tão maníaca que se recusa a revelar sua identidade para não passar a ser conhecida como: 'a celulítica'".²⁰

²⁰ Revista *TPM*, nov. 2001.

Ao comparar o título "Buraco negro" com a imagem apresentada na revista, pode-se dizer que a construção do corpo é realizada, também, através do que dele se diz. O corpo é construído, também, pela linguagem, ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe, mas ela própria cria o existente. Em relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituindo o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável.²¹

²¹ Silvana Vilodre GOELLNER, 2003.

Nesse sentido, observa-se a contraposição entre imagens que, aparentemente, não guardam nenhuma relação entre si. A matéria veiculada²² sobre 'distúrbio de imagem corporal' característico das fisiculturistas, com o título "Mulheres biônicas", termina com um jogo de imagens entre uma fisiculturista e o modelo de beleza e corpo ideais representados pela boneca *Barbie* que, presume-se na matéria, era o objetivo inicial dessas mulheres. Na mesma edição, destaca-se a casualidade das imagens apresentadas no editorial de moda, intitulado "Moda e viagem".

²² Revista *TPM*, dez. 2001.

Se as imagens produzem uma pedagogia, uma forma de ensinar as coisas do mundo, pode-se dizer que produzem, também, conceitos ou pré-conceitos sobre diversos aspectos sociais, incluindo o corpo, mais precisamente o que é um corpo belo. A construção de imagens que valorizam determinado tipo de comportamento, de estilo de vida ou de pessoa é uma forma de regulação social que reproduz os padrões mais comumente aceitos em uma sociedade.²³

²³ SABAT, 2003.

Assim, ao construir a categoria "corpo-ímã", ressaltando a importância do outro como referente na construção do corpo, destaca-se a importância das significações e inscrições sociais de determinada cultura. Isso não quer dizer que as imagens veiculadas comportam uma leitura única, pois os signos podem ser apreendidos de formas diferentes. A produção do corpo se opera, assim, simultaneamente no

coletivo e no individual. A cultura não é um ente abstrato a governar e determinar os indivíduos, e nem os indivíduos são meros receptáculos a assimilar passivamente as diferentes ações que sobre eles se operam.

Corpo-plástico

Essa categoria busca evidenciar uma concepção de corpo como algo a ser moldado, trabalhado, de um corpo sempre sujeito a intervenções em nome de um modelo estético ideal, assumindo então que esse corpo reflete sempre algo inacabado, sempre pronto a se modificar. Nesse sentido, foram analisadas duas matérias e as imagens a elas relacionadas, respectivamente “Você não é feia” e “Barbie Monster”.²⁴

²⁴ Revista *TPM*, dez. 2001.

Você não é feia!

Contrapondo-se ao binômio que define mulher = beleza, a revista *TPM*, em sua sétima edição, traz uma chamada de capa que anuncia: “VOCÊ NÃO É FEIA! Por que a mídia tenta convencê-la do contrário?” Iniciava-se uma ‘campanha’ da revista que duraria até a décima edição, ou seja, quatro números consecutivos.

Ocupando duas páginas abertas, sob o título “Linda de morrer”, encontram-se duas fotos da Miss Brasil 1955, Emília Correia Lima, no tradicional “Antes e Depois”. A oposição entre a foto de capa da revista *Manchete* em 1955 e a foto atual, dela com 67 anos, vem acompanhada da frase da ex-miss sob a primeira foto: “Tenho pena de quem se angustia com a beleza, porque não tem jeito – os anos passam”.

Colado à foto da Miss Brasil envelhecida, o parágrafo abaixo – em destaque na revista – é a síntese do tom assumido pela matéria que se inicia ao virar a página:

Você não é gorda nem feia! Mas tem gente trabalhando para que se sinta exatamente assim. Em nome da beleza, querem mantê-la consumindo sempre, ainda que isso signifique danos à sua saúde. A busca infinita pelo corpo ‘ideal’ pode te fazer ansiosa e frustrada. Além disso, o que vai ser de você quando passarem os anos?²⁵

²⁵ Revista *TPM*, dez. 2001, p. 53.

A afirmação categórica “Você não é gorda nem feia!” exprime um imperativo de beleza, tomando como ponto de partida a afirmação que pressupõe, *a priori*, a beleza como um atributo natural e inerente à mulher. Se você não é gorda nem feia, o que você possui é, certamente, uma beleza diferente dos padrões vigentes.

Com uma linguagem coloquial, o texto aproxima-se da leitora pontuando e compartilhando situações cotidianas e integradas à rotina de qualquer mulher. Ao descrever alguns tratamentos de beleza a que se submetem muitas e muitas mulheres diariamente, ressaltam-se o desconforto, a dor e a inutilidade desses procedimentos. A palavra “tortura” é recorrente, perpassando o texto do início ao fim. Nesse contexto, informa-se que o resultado dessas ‘torturas’ não vai adiantar nada, em função de um modelo de beleza inalcançável e da ação do tempo.

Entretanto, a revista apressa-se a esclarecer que não está fazendo uma ‘apologia’ do ‘desleixo’, da ‘feiúra’ e do ‘corpo mal cuidado’. A argumentação que perpassa o texto é de que existe uma diferença entre ser vaidosa e cuidar-se e ser obsessiva em relação à beleza. Divide as mulheres em dois grandes grupos: as que se cuidam de forma ‘saúdável’ e as outras – as ‘obsessivas’. Além disso, o texto transfere toda a responsabilidade das consequências dessa busca infundável pela beleza a uma indústria que investe pesadamente para que as leitoras consumam. O padrão estético é entendido como uma forma de ‘escravizar’ as mulheres e mantê-las consumindo o tempo todo. Resumindo:

Um processo (econômico, diga-se) que se inicia no pós-guerra com a celebração dos ícones da juventude em detrimento de todos os outros; que é em seguida impulsionado pelo dinheiro das indústrias de cosméticos, moda e mídia; e que acaba legitimado pelos homens, observadores implacáveis das nossas bundas e dos nossos peitos.²⁶

²⁶ Revista *TPM*, dez. 2001, p. 54.

Essa assertiva contém uma constatação interessante, ao apontar o papel dos homens na legitimação de quaisquer modelos de beleza. Para além do discurso que resume uma questão tão ampla e complexa a uma de suas facetas – o aspecto econômico –, o texto aponta – ainda que superficialmente – para questões importantes.

Uma dessas questões refere-se ao ‘argumento do benefício psicológico’ utilizado como fundamento para quaisquer intervenções cirúrgicas em um corpo que se dispõe a constantes transformações em função de uma ‘aceitação’ de si mesmo. A matéria faz uma crítica ao *slogan* que atravessa explicitamente a publicidade, o marketing, a propaganda que, de uma forma geral, afirmam categoricamente que só é feio quem quer. Em meio a demonstrações da tirania da indústria de cosméticos e da mídia, encontra-se no fim da página o “Compromisso TPM”:

Você, leitora, pode cobrar; a partir desta edição, assumimos nossa responsabilidade na divulgação e valorização, em nossas páginas, dos mais variados padrões

²⁷ Revista *TPM*, dez. 2001, p. 55.

de beleza. Reafirmamos também o compromisso com a produção de conteúdo que não atenda apenas às preocupações estéticas da mulher.²⁷

Assumindo essa 'bandeira', encontra-se na página seguinte, em duas páginas abertas, a foto de uma boneca *Barbie*, denominada "Barbie Monster", mostrando tudo o que é possível transformar, apurar, no corpo feminino. Das sobancelhas ao excesso de peso, faz-se um contraponto entre as técnicas usadas antigamente e as atuais, procurando mostrar que a dor e a 'tortura' continuam presentes, embora através de formas mais sofisticadas.

Barbie Monster

A foto de uma boneca *Barbie* é utilizada, em duas páginas, para demonstrar tudo o que é possível fazer com o corpo em nome da beleza, relatando formas 'arcaicas' e 'modernas' de tratamentos para esse fim. Em ressonância com o artigo anterior – "Linda de morrer" –, o propósito dessa exposição é indicar como a mulher foi/é 'vítima' de tratamentos 'torturantes' em nome de uma beleza inalcançável.

Os processos descritos, inscritos na rotina feminina, destacam a dor e a 'tortura', demonstrando a superficialidade que todos esses 'cuidados' envolvem. Entretanto, a impressão de imutabilidade é ressaltada em função de sua recorrência histórica, em que se evidencia a constante presença da sujeição do corpo feminino expressa por comentários do seguinte tipo:

Claro que a vaidade extremada da mulher não é dos tempos da cirurgia plástica. O diabo é saber que desde sempre a condição feminina esteve atrelada à tortura em nome da beleza inalcançável – e que isso, mesmo depois de ter-se queimado sutias em praça pública na década de 60, não mudou nada: no passado, espremeram-se as costelas dentro de um espartilho; hoje adotam-se dietas capazes de provocar doenças fatais.²⁸

²⁸ Revista *TPM*, dez. 2001, p. 54.

Nesse sentido, o caráter de 'protesto' do texto é substituído, ou camuflado, pela capitulação de que, enfim, as 'coisas são assim'. Os questionamentos que poderiam ser/foram suscitados ao longo do texto anterior cedem espaço a uma resignação que resulta da constatação da aparente permanência e imutabilidade da situação que se vivencia atualmente. Assim, a universalização das 'técnicas de tortura' descritas ao longo do corpo da *Barbie* é a justificativa para essa aquiescência que mostra a vivência de um corpo que pode, em potencial, ser sempre modificado, pois a possibilidade dessa transformação é propiciada pela sociedade e eleita como um dos valores

que a representam. Contemporaneamente, cada parte do corpo pode ser trocada, refeita, reconfigurada. O corpo passa a ter uma estrutura modulável e as 'peças' envelhecidas, cansadas, doentes, podem ser substituídas, atualizadas, potencializadas.²⁹

²⁹ Edvaldo Souza COUTO, 2003.

Corpo-em-evidência

O objetivo dessa categoria é demonstrar como o culto do corpo tem sua expressão máxima na 'geração saúde', em que a prática de esportes é, também, ou, sobretudo, o desvelamento do corpo perfeito. Nessa direção, a exposição do corpo através de práticas esportivas foi analisado em uma matéria intitulada "Sexo, esporte e videoteipe".³⁰ O discurso dos esportistas explicita quando e como o corpo pode/deve ser exibido e ilustra o que se procurou sintetizar com a categoria "corpo-em-evidência":

³⁰ Revista *TPM*, jun. 2001.

Se você cuida do seu corpo, não tem por que escondê-lo.

Sempre pratiquei esporte e nunca tive nenhum problema com a minha aparência. Claro que rola um exibicionismo. Você vai à praia e parece um desfile: tem atriz, modelo, surfista, todo o mundo desfilando [...].

Faço capoeira há 20 anos. Quem está se exercitando, por mais que seja alta, baixa ou tenha um biótipo diferente do padrão, se sente melhor com o próprio corpo. Mesmo quando fiquei mais cheinha eu era dura, musculosa e me sentia melhor do que muita menina que era magra mas que estava flácida, mole. Ela tinham mais vergonha do próprio corpo do que eu.

Desde criança faço esporte: ginástica olímpica, futebol, esqui. Por isso, com 10, 11 anos eu já era bem diferente das garotas da minha idade: tinha pernao, bundão. Nunca tive vergonha de me mostrar. Não posso ter [...].

As atividades corporais constituem um dos aspectos mais importantes da vida privada realizando uma reabilitação do corpo. A novidade do fim do século XX é a generalização de atividades físicas que têm como fim o próprio corpo: sua aparência, seu bem-estar, sua realização.³¹ Isso quer dizer que o corpo deve ser exibido, desde que expresse os cânones de beleza de determinada época.

³¹ Antoine PROST, 1995.

Essa 'liberação corporal' está diretamente ligada ao que se denomina de a 'redescoberta do corpo'. Libertando-se de uma era predominantemente puritana, a panacéia do culto ao corpo que se instaurou na sociedade moderna testemunha uma função homóloga à que se atribuía à alma. O corpo, hoje, tornou-se objeto de salvação.³²

³² Jean BAUDRILLARD, 1995, p. 136.

A submissão que outrora subjugava o corpo ao domínio do espírito, ou da alma, anulando e negando toda possibilidade de satisfação de sua materialidade e de seus desejos, parece, então, ter cedido espaço a um progressivo resgate e reencontro com o próprio corpo. Valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, atividades físicas e outros mais têm orientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo desse modo um novo estilo de vida, com o uso mais 'livre', narcísico e hedonista do corpo.

O 'desabrochar do corpo' pode ser visto como forma de alforria de uma época de negação do prazer, de disciplina ostensiva, fruto de uma forte moral religiosa, preocupada em resigná-lo e mantê-lo cercado por dogmas e punições; entretanto, tal 'libertação' o conduz a similares mecanismos de controle.³³ Isso porque, nas relações de saber-poder, o domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento no corpo pelo poder: com a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez e a exaltação do belo corpo.³⁴

³³ PROST, 1995.

³⁴ Michel FOUCAULT, 1987.

O corpo representado na *TPM*: um corpo-para-o-outro?

Tentando aproximar as categorias que aqui articuladas expressariam uma dimensão mais abrangente do que se denominou "corpo-imã", objetivou-se demonstrar a homogeneidade das imagens e dos sentidos que atravessam a revista *TPM* no que se refere ao corpo. São sempre corpos magros, magérrimos, jovens e brancos, em que a beleza aparece 'naturalizada', ao observar-se a forma como as imagens revelam um certo 'descuido' e 'desinteresse' pelo corpo que é apresentado. Nesse sentido, existe uma contraposição da imagem de um corpo-ideal com frases do seguinte tipo: "Não há cosmético melhor do que a felicidade", "Eu me interesso por beleza e moda como maneiras de brincar", "Sem emoção, não há beleza", "A imperfeição é a coisa mais interessante em uma pessoa", "Beleza é mais ilusão que realidade".³⁵ É como se existisse um corte entre os modelos fotografados e as matérias sobre corpo e beleza nas quais o discurso da revista busca diferenciar-se ao apontar algumas questões para reflexão, pois observou-se que entre o discurso da revista e as imagens predominantemente veiculadas há uma ruptura, um descompasso.

Assim, o corpo apresentado na revista *TPM* expressa os padrões estéticos vigentes em nossa sociedade, onde a beleza ideal e os modos de se servir do corpo são constantemente reafirmados, especialmente pela mídia. As

³⁵ Revista *TPM*, maio 2001.

categorias criadas a partir da análise de conteúdo da revista procuram expressar as representações sociais que informam um corpo que é, sobretudo, um “corpo-para-o-outro”. Esse termo procura mostrar que o ser feminino constrói-se como ‘ser percebido’, a partir da experiência prática do corpo, que se produz na aplicação sobre o corpo de esquemas fundamentais nascidos na incorporação das estruturas sociais. “Tudo, na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros.”³⁶

³⁶ Pierre BOURDIEU, 1999, p. 79.

Finalizando, é importante destacar que a ênfase na análise das imagens reflete duas assertivas, sendo a primeira a constatação de que a revista em questão é, sobretudo, imagética. A segunda se refere à importância atribuída às imagens neste trabalho, pressupondo-se que as imagens são mais do que discursos que apenas refletem ou nomeiam uma determinada ‘realidade’, produzindo práticas sociais. “As imagens dizem muito, nos produzem, nos significam, nos sonham.”³⁷

³⁷ Luciana Gruppelli LOPONTE, 2002, p. 284.

Considerações finais

A investigação sobre as representações sociais do corpo na revista *TPM* constituiu-se como uma das formas de tentar evidenciar como os saberes circulantes na mídia estão implicados na construção e expressão dos discursos sociais existentes em uma sociedade, apontando assim para o caráter de interação e integração desses saberes. É dessa forma que as categorias explicativas (“corpo-imã”, “corpo-plástico” e “corpo-em-evidência”) elaboradas no decorrer das análises realizadas devem ser compreendidas.

Estudar a revista *TPM* constituiu-se, então, em um exercício de apontar como o corpo é construído pelas produções discursivas, indicando que os sentidos que as representações sociais e imagens de gênero produzem se desenham na materialidade corporal. A partir do discurso da *TPM* que constrói uma concepção de si permeado pela diferença, estudar uma revista que pretende negar as tradicionais práticas discursivas em relação à mulher significava investigar as rupturas e disjunções nessas práticas.

Nesse sentido, através das representações de gênero, definem-se valores e modelos de um corpo sexuado em função de paradigmas físicos, morais e mentais cujas associações tendem a criar a ‘verdadeira mulher’, expressa nas ‘milimétricas’ diferenças entre as revistas femininas existentes que funcionam, sobretudo, como fontes

reafirmadoras de uma suposta 'identidade feminina'. Daí a permanência das matérias sobre moda, cozinha, decoração e amor como pontos invariáveis das revistas femininas, em particular, e da mídia de uma forma geral, como assuntos concernentes à *Mulher*.

A visibilidade de um corpo feminino fabricado para-o-outro permitiu-nos apontar como o corpo da mulher desenhava-se sob o olhar do outro, aquele a ser seduzido, aquele que faz dela um sujeito dotado de significação social, expressando na construção desse corpo as representações de gênero que assim o constroem, ainda. Dessa forma, o que se define como feminino tem o corpo como fonte de sua significação, sendo os discursos que envolvem os cuidados com o corpo associados, em sua primazia, à figura feminina. Sintetizando essas reflexões, questiona-se: até quando "Mulher-corpo"?³⁸

³⁸ SWAIN, 2001.

Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- COUTO, Edvaldo Souza. "Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 172-186.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. "A produção cultural do corpo". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-52.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. "Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino". *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 2, p. 283-300, 2002.
- NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

- PROST, Antoine. "Fronteiras e espaços do privado". In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (Orgs.). *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. v. 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. p. 50-75.
- TPM – REVISTA TRIP PARA MULHER. São Paulo: TRIP, 2001- .
- SABAT, Ruth. "Gênero e sexualidade para consumo". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 149-160.
- SWAIN, Tania Navarro. "A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário". *Textos de História*, Brasília: UnB, v. 8, n. 1 (Feminismos: Teorias e Perspectivas. Número organizado por Tânia Navarro Swain), p. 47-85, 2000.
- _____. "Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas 'femininas'". *História: Questões e Debates*, Curitiba: UFPR, n. 34 (Gênero e História), p. 20-45, jan./jun. 2001.

[Recebido em novembro de 2006
e aceito para publicação em agosto de 2007]

Body and Gender: An Analysis of the TRIP For Woman Magazine

Abstract: *This work investigates the social representations of the body in the TRIP For Woman magazine, considering the body and gender theories systematically elaborated by the existing feminisms. It is assumed that the beliefs, the representation and the meanings of what it is to be a man or a woman in a certain society and moment are crystallized in the bodies. Thus, it is possible to infer the gender representations that are mediated and inscribed in the body.*

Key Words: *Body; Gender; Social Representation.*